

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 48

Data: 2 de Novembro de 1980

Pg.: \_\_\_\_\_

# Ludwig e seu sócio inglês dividem projeto de caulim

Cláudio Abramo  
de Londres

Leio no "Times" que o sr. Ludwig, proprietário do complexo de Jari, acaba de concluir em Londres, onde passou a semana, um acordo com o sr. "Tiny" Rowlands, conhecido financista inglês já conhecido dos brasileiros, e que por onde passa deixa rastros inconfundíveis, um acordo para exploração de caulim. O projeto já existe, mas parece que o sr. Ludwig está momentaneamente precisando de um sócio.

O sr. Ludwig tem naturalmente liberdade de concluir os acordos que desejar e provavelmente sentiu que necessitava de um reforço para a extração do caulim. O governo brasileiro por outro lado não pode senão acolher com simpatia um investimento, neste momento de crise e abertura, com os credores querendo que o Brasil vá ao Fundo Monetário.

Mas, em relação ao sr. Rowlands é preciso prestar alguma atenção. Este grande capitalista, maior acionista da London Rhodesia, ou Lonrho, tem interesses no Canadá, na África (negra e do Sul) e na América Latina — em alguns desses lugares já está associado ao sr. Ludwig.

É tido como um dos sócios comanditários do Zaire, essa sombria fazenda do general Mobutu — foi processado e devidamente absolvido, em 1978, sob a acusação de ter violado disposições inglesas de embargo contra a então Rodésia, que havia declarado a independência unilateralmente. Tem interesses em Zâmbia, no Moçambique e em outros países africanos. Tem um jornal em Zimbábue e outro em Zâmbia. Tem outro na Escócia. Há pouco

tempo tentou comprar o "The Times", manobra que tentou duas vezes e que talvez tente de novo agora com o jornal às portas do fechamento. A ele se atribui uma operação complicada com ações de companhias brasileiras encampadas.

Ele se especializa em extração e exploração de minérios, mas hoje tem interesses em inúmeras firmas que se estendem por outras atividades.

Em Zimbábue, ajudou Joshua Nkomo, o líder a quem se atribui ligações com Moscou, que ele, Rowlands, gostaria de ver no lugar do espartano Mugabe.

Foi acusado por Julius Nyerere, presidente de Tanzânia, de ter tentado favorecer o esfacelamento da Frente Patriótica do Zimbábue, patrocinada por aquele.

É amigo de um grande número de estadistas africanos, entre eles Kaunda, de Zâmbia, e ao mesmo tempo mantém excelentes relações com a África do Sul. O homem é, como se diz no Brasil, uma parada.

Tornou-se mundialmente famoso por ter merecido, do então primeiro-ministro conservador Edward Heath, há alguns anos, uma observação: "é a face inaceitável do capitalismo", feita como comentário a certas operações que "Tinny" Rowlands teria praticado de forma, por assim dizer, expedita.

Como se vê, é jogo pesado. O "Times" diz que o sr. Ludwig estaria pensando em transformar Rowlands em herdeiro presumptivo, do seu império, que não incluiria aliás, Jari, hoje, uma fundação ao abrigo de aventuras. Isso é coisa entre o sr. Ludwig e o sr. Rowlands.

Mas há algo entretanto que deve merecer maior atenção: quando Mugabe liquidou o aparato branco na rádio, TV

e nos jornais de Zimbábue, o indefectível Rowlands se apresentou, propondo-se para ele próprio montar um esquema de comunicações favorável ao governo de Salisbury. A oferta foi delicadamente recusada. Mugabe tem ou deve ter razões para desconfiar do auxílio desse arguto e incansável financista. Mas o jornal de Rowlands em Zimbábue, como os outros apóia Mugabe, neste momento.

\*

O sr. Rowlands tem o dom de apoiar adversários entre si, colocando seu império financeiro à disposição de quem oferecer maior vantagem.

\*

Pelo que leio em Tarso de Castro — pois os outros "críticos" se calam — há uma disputa entre empresários e donos de empresas jornalísticas tentando cada um assegurar-se o domínio de um canal de TV ou de uma cadeia, herança do espólio da Tupi — que seja direito do governo conceder a quem ele escolhe os canais de televisão já é algo com cuja razão não atino, já que não sei de nenhum mandado divino que dê ao Estado o poder de distribuir algo que não lhe pertence e sim à população. Mas não vou discutir isso agora.

Não vá cair o Estado brasileiro, com todo esse zelo em impedir que p. ex. a oposição brasileira tenha um canal de TV (uma hipótese, pois ela não teria dinheiro para tocá-lo) não vá cair no extremo de acabar concedendo o canal a alguém que, vai se ver, está associado a "Tinny" Rowlands.

Recomendo aos que têm dúvidas quanto a essa jogada na qual os governos entram como figurantes ingênuos, por mais hábeis que possam ser seus estrategistas — que acompanhem atentamente o desenvolvimento desse projeto dentro do outro, dentro de mais um outro. O Brasil não pode se dar a luxos de escolher sócios, neste momento — mas um pouco de cuidado não fará mal.